

CARRO BLINDADO M-8 GREYHOUND DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA Campanha da Itália 1944 – 1945



Exedito Carlos Stephani Bastos
Pesquisador de Assuntos Militares da
Universidade Federal de Juiz de Fora
exedito@editora.ufjf.br

Projetado e construído pela **Ford Motor Company** a partir de 1942, o **M-8 Greyhound** alcançou a casa das onze mil unidades produzidas e foi usado como veículo padrão das unidades de reconhecimento no exército Norte Americano entre 1942 e 1945, ficando famoso por suas características de grande mobilidade, em se tratando de um veículo 6x6, além de possuir um visual futurista para a época.

Em virtude do Brasil se posicionar ao lado dos aliados, em 1942, estes versáteis blindados começaram a chegar ao país, a partir de 1943, através do acordo Leand Lease, muito embora ele não seja o primeiro 6x6 a operar no Exército Brasileiro, pois o primeiro foi seu antecessor o **T-17 Deerhound**, em quantidade inferior a duas dezenas, ele se tornou um dos veículos mais importantes dentro do conceito sobre rodas que viria a ser adotado no final dos anos 60 e início dos 70, na concepção de um 6x6 genuinamente brasileiro, quando partindo deste modelo se concebeu o Cascavel, mas isto é outra história.

Com a criação do **Corpo Expedicionário**, conhecido como **Força Expedicionária Brasileira (FEB)**, a qual combateu no teatro de operações da Itália, nos anos de 1944 e 1945, foram criadas diversas unidades e uma delas foi **1º Esquadrão de Reconhecimento**. O Brasil foi o único país da América do Sul, a enviar tropas para lutar nos campos da Europa.

Em fins de 1943 foi criada a **1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª D.I.E.)**, composta por 25.334 homens e diversas unidades de Infantaria, Artilharia, Engenharia, Saúde, Elementos de tropa especial (Companhia do Quartel General da 1ª D.I.E., Manutenção, Intendência, Transmissões, Polícia e Banda de Música) e **Cavalaria**, composta de um Esquadrão de Reconhecimento, organizado a partir do 2º Regimento Moto-Mecanizado da Vila Militar, no Rio de Janeiro, onde tinha a denominação de 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta.

A primeira e única unidade a operá-los em guerra, foi o **1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da Força Expedicionária Brasileira** em 1944, onde 13 (treze) destes veículos representaram a Cavalaria de Osório, muito embora existissem 15,

sendo que dois estavam indisponíveis, um deles fora atingido na traseira por um tiro de bazuca alemã, comprometendo-o seriamente, mas a tripulação nada sofreu.



Treinamento de abandono de um M-8 em chamas realizado pela FEB na Itália. Pelo menos uma situação real como esta eles tiveram. (Museu Cap. Pitaluga – Valença – RJ)

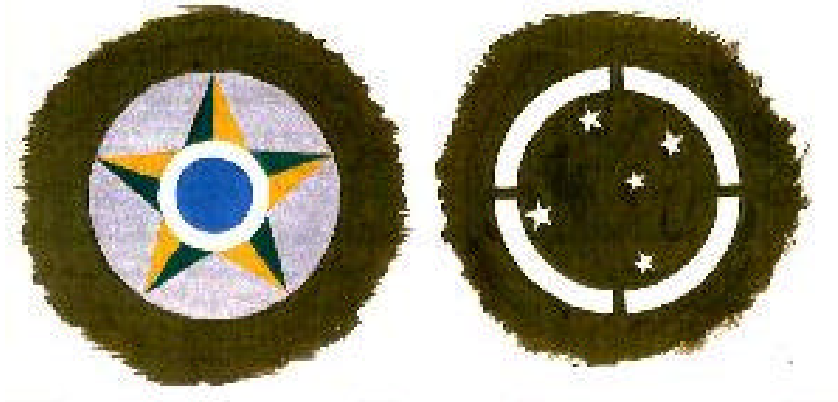
Eram armados com um canhão de 37mm e duas metralhadoras .30, sua blindagem variava de 0,8 a 1,5cm de espessura, guarnição de 4 homens, não muito confortável e confiáveis. Medeiam 5,0m de comprimento, 2,54m de largura e 2,25m de altura, com peso total de 7,8 toneladas, impulsionado por um motor a gasolina Hércules JXD, 6 cilindros, 110hp, velocidade máxima de 90km/h, autonomia de 565km, com capacidade de 261 litros de combustível.

As particularidades do uso de veículos militares pela FEB são enormes, primeiro por não existir um padronização quanto à colocação de emblemas, matrículas, distintivos e nomes e uma boa literatura que cubra bem este período, embora seguissem o manual norte americano.

Em razão disto se faz necessário recorrer a fotos e entrevistas de antigos integrantes da unidade, bem como a arquivos importantes, como o do Museu Capitão Pitaluga no 1º Esq.Cav.Mec., em Valença, Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro e outros de particulares, no sentido de obter o máximo de informações.

Vale salientar que o próprio emblema criado para os veículos brasileiros, na Itália, nada mais é do que o derivado do emblema norte-americano, ou seja o círculo branco tendo em seu interior uma grande estrela de cinco pontas, que no caso brasileiro, esta foi removida e no seu lugar foi inserido o Cruzeiro do Sul.

O emblema adotado no território brasileiro, nos anos da guerra, não tinha nada a ver com o usado pela FEB, pois no Brasil usava-se dentro de um círculo prateado uma estrela grande de cinco pontas colorida, com as cores de nossa bandeira, e as matrículas dos veículos eram em azul e a cor era o verde oliva americano padrão, pois com a chegada de equipamento novos, estes só passariam a receber pintura no país muitos anos depois, muito embora aqui já existisse um verde oliva próprio.



**Emblemas usados nos veículos do Exército Brasileiro, no Brasil à esquerda e na Itália à direita.
Crédito da foto: Desenho Newton Barbosa de Castro. Coleção do autor.**

Uma particularidade interessante é que a matrícula dos veículos usados pela FEB era a americana, não existindo uma brasileira, e no caso dos M-8 as matrículas eram as seguintes:

U.S.A 6037498 - chassi 5274
U.S.A 6040812 - chassi 7909
U.S.A 6038186 - chassi 5944
U.S.A 6037154 - chassi 4930
U.S.A 6038516 - chassi 6298
U.S.A 6035334 - chassi 3110
U.S.A 6033240 - chassi 1016
U.S.A 6033208 - chassi 0984
U.S.A 6038296 - chassi 5072
U.S.A 6040811 - chassi 7908
U.S.A 6036650 - chassi 4326
U.S.A 6037280 - chassi 5056
U.S.A 6012577 - chassi 9751
U.S.A 6036894 - chassi 4670
U.S.A 6038242 - chassi 6018

Na maior parte dos M-8 estas matrículas foram apagadas com uma camada de tinta aplicada sobre elas, mas na documentação do carro elas permaneceram, pois é possível vermos na parte lateral do carro logo à frente da torre marcas onde estas existiam, já em outros tipos de veículos é possível ver nitidamente esta matrícula.

Alguns chegaram a receber nomes dados pela sua tripulação e pintados na lateral do carros, no casco, no meio do espaço da torre como:

VIRA MUNDO

LEÃO DO NORTE

PÉROLA

ANDRADE NEVES

VIVA BRASIL (Escrito com giz ou algo parecido sobre o paralamas esquerdo quando estes adentravam em Camaiore).



M-8 da FEB com a inscrição VIVA BRASIL em Camaiore. Os soldados confraternizam com a população italiana. (Crédito da foto: Museu Capitão Pitaluga)

Todos receberam a marcação **FEB 510** identificando assim todos os veículos desta unidade, sejam M-8, Jeeps, Caminhões, reboques, etc., na parte frontal e traseira, mais os emblemas dos Cruzeiro do Sul, que variavam muito os locais de colocação e seus tamanhos e como os carros operavam em dupla, cada um recebeu um determinado número, que na maioria das vezes era afixado na parte frontal fixa entre as duas escotilhas. É possível ver carros com os seguintes números, **6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 46, 47, 48, 49.**



Detalhe da numeração dos M-8 usados na FEB. Este era o número do carro, nada tendo a ver com a matrícula norte americana. Na direção Cabo Álvaro. Crédito da foto: Museu do 1º Esq. Cav. Mec. Valença – RJ



Rendição da 148 alemã em 1945. Notar a parte da torre e traseira do M-8 do 1º Esquadrão de Reconhecimento e um soldado brasileiro recebendo os alemães. (Crédito da foto: Museu Cap. Pitaluga)

Poucos receberam o emblema primitivo do Esquadrão, um elmo sobre uma roda com pneu, símbolo da moto mecanização, sobre as lanças cruzadas com bandeirolas, da cavalaria, pintando em branco na lateral do veículo próximo ao paralamas dianteiro, que na maioria das vezes era retirado pois atrapalhava o seu desempenho no terreno lamacento, e dificultava a colocação de correntes no pneu para proporcionar uma melhor aderência ao solo.

O que melhor ilustra isto é o **ANDRADE NEVES**, onde é possível ver estas marcações próximo ao nome em letras de forma.



M-8 Andrade Neves. Notar o emblema antigo do Esquadrão usado no Brasil à esquerda do nome. 1 – 2º Ten. não identificado, 2 – 2º Ten. Médico Rubens, 3 – 2º Ten. Damásio, 4 – 1º Ten. Solon e 5 – 2º Ten. França, em San Michele (Alessandria), Itália, 1º-maio-1945. Crédito da foto: Coleção do autor

Já um outro o **LEÃO DO NORTE**, escolhido como o mais interessante e exótico em termos de emblemas, mostra possuir o número 19, emblema do cruzeiro do sul na parte frontal do veículo, entre os dois faróis, FEB próximo ao farol direito e 510 mais próximo do esquerdo, obedecendo uma simetria com o emblema redondo.

O mais curioso é o emblema que ele ostenta na sua parte frontal direita, onde se encontra pintado uma grande cobra fumando, toda pintada em branco, talvez o único a ostentar este tipo de emblema, pois em outros é possível ver até bichinhos de pelúcia amarrados sobre o veículo.

Na parte traseira, no paralamas esquerdo tem o FEB em cima e o 510 embaixo e no direito o emblema do Cruzeiro do Sul, sendo possível encontrar em pelo menos um carro, dois destes emblemas nos paralamas traseiros, sem o FEB 510. Nas laterais da torre, no centro, de cada lado o Cruzeiro do Sul e só.

Existiram carros com o FEB 510 aplicado na parte inclinada da blindagem frontal onde se encontram os dois ganchos para se prender cabos de aço, próximo aos pneus.



O Leão do Norte na Itália em 1944/45 e sua reconstituição na escala 1:1 em Valença como monumento junto ao Museu Cap. Pitaluga. (Fotos Museu Cap. Pitaluga e autor)

Outro bastante curioso é o **VIRA MUNDO**, provavelmente o único sem emblemas na torre, tendo os emblemas do Cruzeiro do Sul, nas laterais, acima dos portas minas e acima deles o seu nome. Na parte frontal possuía o número 6 entre as duas escotilhas, abaixo o emblema do Cruzeiro do Sul no centro, mais abaixo o FEB 510 e ao lado direito um pequeno emblema do Cruzeiro do Sul, e a seu lado outro número 6, isto na versão sem paralamas.

Ele na versão com paralamas, usado na tomada de **Montese**, sofreu modificações na sua parte frontal, onde os emblemas foram repintados na sua placa de blindagem entre as duas rodas dianteiras, próximo ao gancho esquerdo recebeu o FEB 510, e próximo ao lado direito o número 6 e abaixo do 510 um pequeno emblema do Cruzeiro do Sul, o que vem comprovar que este carro foi pintado durante a guerra pelo menos duas vezes.

Pelo fato de não ter uma padronização, ou seja, todos os carros possuem um local pré determinado para aplicar os emblemas, é possível encontrar em alguns, principalmente os com saias laterais, emblemas pegando um pedaço do carro e a outra metade sobre o paralama, tendo como referência o intervalo entre as duas rodas traseiras, notando ainda que quando da retirada do mesmo, ficou apenas um pequeno pedaço do Cruzeiro do Sul, além de vários avisos espalhados pelo carro, principalmente nas laterais.



M-8 do 1º Esq. Rec. na Itália. Notar a falta da saias laterais, os emblemas frontais e o pedaço do emblema lateral entre as duas rodas traseiras. Crédito da foto: Museu do 1º Esq. Cav. Mec. Valença - RJ

Já em outro veículo é possível ver na parte frontal o Cruzeiro do Sul entre os dois faróis e logo debaixo o resto de uma estrela branca, símbolo dos Estados Unidos, muito usado no teatro do pacífico, mas encontrado na Europa também.



Uma pausa para o almoço. Notar o emblema brasileiro sobre o americano. Crédito da foto: Coleção do autor

A título de observação vale lembrar que os Norte Americanos adotaram como critério básico de símbolo identificador para os veículos o seguinte:

- **Campanha do Norte da África**, um círculo redondo tendo no seu interior uma estrela de cinco pontas, tudo em amarelo;
- **Europa Ocidental**, o mesmo emblema no Norte da África, só que em branco;
- **No pacífico** uma estrela branca sem o círculo.

Na foto mais clássica da guerra que é da entrada em **Montese**, quando um **M-8** passa por uma rua estreita com escombros e veículos nos lados, percebemos algumas particularidade no veículo em questão como o posicionamento dos emblemas frontais, tendo no centro entre os dois faróis o Cruzeiro do Sul e logo abaixo nas duas extremidades do mesmo a inscrição FEB e mais adiante 510.

No lado direito abaixo do farol podemos ver uma caveira com dois raios pintados numa placa de madeira de fundo branco e os desenhos em vermelho, pois isto nada mais é do que um pedaço de uma placa alemã indicativa de cuidado mina, que foi recortada e usado pela tripulação para adornar o veículo. No centro entre as duas escotilhas podemos ver o número do carro, 18 em branco.



A foto mais clássica do Esquadrão de Reconhecimento entrando em Montese. Crédito da foto: Museu do 1º Esq. Cav. Mec. Valença – RJ



Detalhe do M-8 que entrou em Montese, na foto clássica. Notar os emblemas e a placa com a caveira e os raios vermelhos de um placa alemã informando cuidado com minas. Crédito da foto: Museu do 1º Esq. Cav. Mec. Valença – RJ

Outra particularidade dos M-8 da FEB é o fato que nenhum deles usou uma caixa de metal na parte frontal e nas duas laterais inclinadas entre as rodas dianteiras e traseiras, tendo ali apenas um suporte metálico com duas tiras horizontais e duas verticais onde podia-se colocar diversos apetrechos e minas.



Um M-8 sem marcações laterais. Notar a matrícula FEB 510 na traseira, os avisos espalhados pelo carro e no pé do soldado com um jornal ou mapa a matrícula norte americana apagada. Crédito da foto: Via Ricardo Bonalume

Nenhum dos veículos empregados pela FEB foram oriundos do Exército Brasileiro, mas sim recebidos na Itália, pois o Esquadrão teve apenas uma semana para se familiarizar com os M-8 que iria empregar ao longo da guerra, o mesmo ocorrendo com os outros veículos nas outras unidade, onde alguns soldados se tornaram motoristas com apenas uma semana de treinamento.

A primeira missão de guerra recebida foi em **Vechiano**, em 12 de setembro de 1944, onde o pelotão foi dividido em duas patrulhas, uma no eixo **Manacuiccoli-Chiese-Massarosa** e outra **S.Pietro-S.Macário Piano-S.Macário do Monte** e a última missão se deu em 12 de maio de 1945 no eixo **Gênova-LaSpezia-Viarregio-Pisa-Livorno-Roma Francolise**, onde todo o material foi devolvido aos norte americanos, não só desta, mas de todas as outras unidades da FEB e as tropas repatriadas. Algum tempo depois o material foi enviado para ao Brasil, direto da Itália e incorporado ao Exército Brasileiro.

Os combates mais importantes aconteceram em:

CAMAIORE-MASSAROSA,

GAGGIO MONTANO-PORRETA TERME,

MARANO-MARANO SULLPANARO-RIOLA,

MONTESE-ZOCCA,

COLLECHIO-FORNOVO.

Várias foram as suas missões, e conseqüentemente diversas escaramuças com o inimigo ocorreram e todo este aprendizado foi responsável para se criar uma nova mentalidade dentro do Exército, principalmente no emprego de veículos blindados 6x6 que perdura até os dias de hoje.

O 1º Esquadrão de Reconhecimento foi um dos responsáveis pela rendição da 148ª Divisão Alemã, sendo inclusive citado em publicações americanas editadas no Centro de Instrução de Blindados de Fort Knox, onde se estuda a guerra de blindados, como exemplo de uma pequena unidade a obter um grande sucesso.

Dois foram seus comandantes na FEB, quando de sua formação foi o **Capitão Flávio Franco Ferreira** (03.01.1944 a 08.01.1945) que por problemas de saúde, foi substituído, já na Itália, pelo **Capitão Plínio Pitaluga** (10.01.1945 a 07.01.1947), e suas fileiras contavam com 218 oficiais e praças efetivos.

Em termos de viaturas o **1º Esquadrão de Reconhecimento** era composto de 24 viaturas ¼ toneladas (Jeep), 05 Transporte de Rolamento Misto (Half Track M-3 e M-3A1), 15 Carros Blindados de Reconhecimento M-8 Greyhound, 01 Caminhão GMC 2 ½ toneladas, 01 Dodge ¾ toneladas WC 51 e 07 reboques de diversos modelos.

Hoje as glórias do passado estão vivas e registradas nos nomes dados ao EE-9 Cascavel e EE-11 Urutu e demais veículos que equipam o 1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizada “**Esquadrão Tenente Amaro**” com sede em Valença, RJ, onde lembram os principais locais conquistados pelos antigos integrantes lá nos idos de 1944-1945 e continua desfilando com bravura um dos M-8 que foi preservado na unidade para lembrar as origens e glórias do passado para que as gerações futuras possam ver e cultuar este momento histórico que foi vivido.



O M-8 do 1º Esq. Cav. Mec. em perfeito estado de conservação e com marcações da FEB preservado hoje em dia. Crédito da foto: autor



Detalhe do nome de um dos EE-9 Cascavel do 1º Esq. Cav. Mec. de Valença em homenagem aos veteranos da Campanha da Itália. Este ostenta do nome de Collechio atualmente. Crédito da foto: autor

O Esquadrão teve apenas quatro mortos durante a sua campanha no teatro europeu, foram os Sargento Pedro **Krinski**, **Tenente Amaro** Felicíssimo da Silveira (nome da Unidade atual), Cabo **Benedito** Alves e Soldado **Bernardino** da Silva.

Hoje eles são reverenciados num monumento dentro do quartelamento onde ocorrem diversas solenidades, contando ainda com um excelente Museu, denominado **MUSEU CAPITÃO PITALUGA**, rico em material e informações sobre aqueles terríveis anos que mudaram não só as vidas dos que viveram aquele momento mas um novo mundo que dele emergiu...



Cap. Plínio Pitaluga, Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB junto a dois M-8, na Itália. Notar o número 11 do veículo. Crédito da foto: Museu 1º Esq. Cav. Mec. Valença – RJ.
